CORREIO
NO MUNDO

REPRODUÇÃO/ REDES SOCIAIS



147 pessoas viajavam no trem da Iryo e 397 no da Renfe

Colisão de dois trens deixa ao menos 68 mortos na Espanha

Ao menos 68 pessoas morreram nesta quarta-feira (28) na colisão entre dois trens de alta velocidade na província de Toledo, na Espanha, a cerca de 150 km de Madri. O balanço foi divulgado pelas autoridades locais, e o número de mortos pode aumentar. Cerca de cem pessoas ficaram feridas. Segundo a imprensa local, há 77 feridos, dos quais 15 em estado grave. O acidente ocorreu por volta das 8h54 locais (4h54 em Brasília) entre os municípios de Los Yébenes e Urda. Segundo os serviços de emergência, um trem da Renfe, operadora ferroviária estatal, colidiu com outro da empresa privada Iryo, que estava parado na via. O ministro dos Transportes da Espanha, Óscar Puente, afirmou que o trem da Renfe foi autorizado a seguir viagem mesmo com um sinal vermelho ativo, que indicava a presença do trem parado na via à frente. Segundo ele, a autorização violou o protocolo.

Falha de comunicação no sistema informático

Puente explicou que uma falha de comunicação nos sistemas informáticos acionou o sinal vermelho e interrompeu automaticamente toda a circulação. Mesmo sem o sistema ter sido restabelecido, o centro de controle decidiu retomar o tráfego. "Essa decisão é do centro de controle, que a tomou em circunstâncias que, do nosso ponto de vista, são inexplicáveis", disse o ministro a jornalistas em Madri. O trem da Renfe havia partido de Madri às 8h com destino a Sevilha. Segundo o governo local, 544 pessoas viajavam nas duas composições.

REPRODUÇÃO/ REDES SOCIAIS



A circulação ferroviária entre Madri e a Andaluzia foi suspensa

Decretado luto nacional de três dias

O premiê Pedro Sánchez decretou luto nacional de três dias. "Chocado com o grave acidente ferroviário em Toledo. Meu carinho, minha solidariedade e meu apoio a todas as vítimas e seus familiares", escreveu no X. Esse é um dos piores da história ferroviária da Espanha desde os anos 1970, e ocorre apenas nove meses após outra colisão entre dois trens em Adamuz, na província de Córdoba, que matou 46 pessoas. Equipes de bombeiros e três helicópteros foram enviados ao local, segundo os serviços de emergência.

Pedro Sanchez cancelou agenda de campanha

A presidente regional de Madri, Isabela Díaz Ayuso, pediu doações de sangue em um post no X. Sanchez cancelou a agenda de campanha desta quarta, e o Partido Socialista (PSOE), do qual é líder, suspendeu as atividades do dia. O gabinete do premiê informou que ele viajará a Urda, cidade mais próxima do acidente, para prestar apoio. Outros partidos também cancelaram seus compromissos da campanha.

Netanyahu alega fraude

O partido do primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, acusa os partidos árabes do país de terem "roubado" as eleições desta terça-feira (27), e exige investigação de fraude eleitoral. O partido governista afirma, no comunicado, que entregou à polícia, ao comitê eleitoral e o Shin Bet (agência de segurança interna), "centenas de testemunhos".

Partidos árabes em foco

"As eleições no Estado de Israel foram roubadas por partidos árabes que apoiam o terrorismo e a aniquilação do Estado judeu por meio de graves atos criminosos de corrupção, ameaças, violência, falsificações e o uso de software proibido para encorajar eleitores a votar", afirmou o partido em um comunicado nesta quarta-feira (28).

Funcionário rejeita

O comunicado também fala em uma suposta evidência de violência contra equipes de seções eleitorais, compra de voto e votos duplicados, entre outras acusações. "Este é um grave golpe à democracia israelense e ao direito de voto dos cidadãos israelenses", afirmou a sigla. Mais cedo, um funcionário do comitê eleitoral rejeitou denúncias de fraude na eleição.

Mais cadeiras no Knesset

O comitê, após a denúncia do Likud, afirmou que lançou uma operação de fiscalização para revisar reclamações e denúncias de todos os partidos, ressaltando que toma essa medida em todo pleito. Até o começo da tarde no horário de Brasília, com mais de 85% das urnas apuradas, o Likud tem o maior número de cadeiras no Knesset, o Parlamento israelense.

Bloco de oposição

O bloco de Netanyhau agrega o maior conjunto de assentos, 53, ainda abaixo da maioria de 61 parlamentares que garante um governo majoritário. O bloco de oposição tem 48, e o conjunto de legendas árabes marca 19 assentos, o que faz desse grupo, anti-Netanyahu, mas ainda sem uma aliança consolidada, o provável fiel da balança no pleito.

Apoio árabe

Um dos principais opositores árabes-israelenses declarou à AFP que pode apoiar um governo parar tirar o premiê do poder, sem integrá-lo. "Para derrubar [Netanyahu] poderíamos apoiar um governo alternativo, sem integrá-lo", disse Yussef Jabareen, dirigente da Lista Unificada.

Por Guilherme Botacini (Folhapress)

FRAGANDAPHOTO VIA WIKIMEDIA COMMONS



Tensões de Washington sob Trump com Havana aumentaram em meio a sanções

ONU aprova resolução contra embargo a Cuba

Foram 130 votos pela derrubada do embargo, incluindo o do Brasil

Por **Mayara Paixão (Folhapress)**

A Assembleia Geral da ONU voltou a aprovar uma resolução para encerrar o embargo dos Estados Unidos contra Cuba. Foram 130 votos a favor, incluindo do Brasil, 17 contra e 25 abstenções. Neste ano, em meio a campanha dos EUA na organização internacional contra o texto, a resolução teve a menor adesão em 30 anos. Desde 1992 a ONU vota resolução sobre o tema.

Em 1995, última vez em que os votos favoráveis foram menores do que neste ano, 117 aprovaram o texto. Desde então, a aprovação manteve uma tendência de crescimento, chegando, em 2025, a 165 votos a favor, 7 contra e 12 abstenções, após um pico de 191 votos a favor em 2017.

Entre países da América do Latina, votaram neste ano contra a resolução Argentina, Colômbia, Paraguai, Equador e Costa Rica, todos com governos aliados do governo de Donald Trump. Abstiveram-se Chile, República Dominicana, Honduras e Peru. Em favor da resolução, junto do Brasil, votaram México, Uruguai, Nicarágua, Panamá. Não votaram Bolívia, Guatemala, El Salvador e Venezuela.

O debate sobre o texto foi iniciado na terça (27), e a votação foi concluída nesta quarta (28). Houve briga entre o representante dos EUA na organização, Mike Waltz, e o chanceler de Cuba, Bruno Rodríguez Parrilla. A delegação cubana buscou interromper a fala do americano, acusando-o de difamar a ilha. Waltz disse que não seria interrompido e que a delegação tentava tratá-lo como se tratam oponentes na ilha.

Nesta quarta, Waltz falou da tribuna da delegação americana durante a reunião da Assembleia Geral que "o diplomata cubano será colocado em um avião hoje de volta a Havana" pelo que Waltz chamou de agressão, sem detalhar quem seria o diplomata e o que de fato ocorreria.

A posição do Brasil também foi praticamente unânime, a favor do texto. Com exceção de três anos, todos eles durante a Presidência de Jair Bolsonaro (PL). Em 2019, o Brasil votou contra. Em 2021 e 2022, absteve-se. Em 2019 e nos primeiros dias de 2021, Donald Trump estava em seu primeiro mandato na Casa Branca, e Bolsonaro era seu aliado.

Na votação desta terça-feira, o Brasil discursou. O representante do país na ONU, Sergio Danese, enumerou relatórios de agências independentes da ONU que mostram como o bloqueio americano tem impedido que ajuda humanitária chegue à ilha.

O embaixador disse que se trata de uma reflexão sobre "os efeitos extraterritoriais da legislação nacional [dos EUA] sobre a soberania de terceiros Estados e os interesses legítimos de seus cidadãos e empresas". Criticou, também, a inclusão de Cuba na lista de Estados patrocinadores do terrorismo.